



**UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA**

---

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**Andréa Cristina Rosseti Maioli**

**Pedaladas da Contracultura: Os Provos.  
Amsterdan, 1965-1967.**

**Londrina - PR**

**2008**

**Andréa Cristina Rosseti Maioli**

**Pedaladas da Contracultura: Os Provos.  
Amsterdan, 1965-1967.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para aprovação no curso de graduação de História da Universidade Estadual de Londrina.  
Orientador: Prof. Dr. Jozimar Paes de Almeida.

**Londrina - PR**

**2008**

**Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

M227p Maioli, Andréa Cristina Rosseti.  
Pedaladas da contracultura : os Provos. Amsterdam,  
1965-1967 / Andréa Cristina Rosseti Maioli. – Londrina,  
2008.  
33 f. : il.

Orientador: Jozimar Paes de Almeida.  
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso  
de História – Universidade Estadual de Londrina, Centro de  
Letras e Ciências Humanas, 2008.  
Inclui bibliografia.

1. História social – TCC. 2. Contracultura – Provos – História social – TCC. I. Almeida,  
Jozimar Paes de. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas.  
III Título

**Andréa Cristina Rosseti Maioli**

**Pedaladas da Contracultura: Os Provos.  
Amsterdan, 1965-1967.**

**Comissão Examinadora:**

---

Prof. Dr. Jozimar Paes de Almeida (orientador)  
Universidade Estadual de Londrina

---

Profa. Dra. Martha Célia Ramirez-Gálvez  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof. Dr. Marco Antonio Neves Soares  
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, de dezembro de 2008.

## **Agradecimentos**

Agradeço a todos que de alguma forma ajudaram na realização deste trabalho.

Família, que com sua distinta maneira sempre estão junto de mim, que no fim das contas é ela que aguenta mais os trancos, afinal, me conhecem desde que nasci. Amo muito.

Aos amigos, não vou citar nomes aqui, mas os que lerem isso vão se reconhecer, talvez. Principalmente àqueles que me fazem rir, aos que se dispuseram a ouvir minhas indagações. Mas um amigo, só de estar por perto já é uma grande ajuda.

Aos professores que ajudaram na minha formação, aos que conseguiram elasticar minha percepção, àqueles que me colocaram em confronto comigo mesma. Dentre eles, em especial, o Jozimar, que me orientou neste trabalho.

**Resumo:**

Nossa pesquisa analisa o movimento contracultural ocorrido na cidade de Amsterdan entre os anos de 1965 e 1967, que leva o nome de *Provos*. Entendemos que este movimento se deu de forma inédita e as suas características peculiares, advindas de seu contexto histórico, produziram na sociedade atividades surpreendentes, deixando-a sem saber ao certo como agir, pela impossibilidade de anteceder o inédito para combatê-lo.

**Palavras-chaves:** Contracultura, Provos, Inédito, Territórios do Político.

**Abstract:**

Our research analyses the counterculture movement occurred in the city of Amsterdan during the period of 1965 to 1967, which takes the name of *Provos*. We understand that this movement happened in an unprecedented way, having its own peculiar characteristics by its historical context, which produced amazing activities in the society, leaving the citizens without knowing how to behave due to the impossibility to precede the unprecedented to combat it.

**Keywords:** Counterculture, Provos, Unprecedented, Politic Subjects.

## SUMÁRIO

<b>Pra começo de conversa.....</b>	<b>08</b>
<b>1- Pimenta nos olhos da História.....</b>	<b>10</b>
<b>2- Contextualizando a revolta.....</b>	<b>13</b>
<b>3- Pedaladas contra o senso comum</b>	
<b>3.1 Descrição da fonte.....</b>	<b>19</b>
<b>3.2 Os Provos.....</b>	<b>20</b>
<b>Conclusão.....</b>	<b>32</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>33</b>

## **Pra começo de conversa**

O campo de estudo que nós adotamos para a realização de nossa pesquisa é denominado de História Social e baseia-se na cognoscibilidade do acontecimento histórico, pela incorporação interdisciplinar e articulação com as totalidades. A História Social nasceu como uma contra-argumentação da História Tradicional, aqui também tratada como Positivista entendida como aquela que se utiliza de narrativas dos Estados nacionais, biografia dos “homens da nação”, a chamada “história oficial”.

A História Social se distancia da Positivista, pois se faz a partir de estabelecimento e resolução de problemas, tendo em vista a articulação em todas as instâncias da sociedade (social, econômica, cultural), apresentando uma aproximação com os grupos além das camadas dominantes.

Este campo de pesquisa enxerga o passado como algo cognoscível, possível de ser elucidado pela análise estudando os homens e suas mudanças, a partir de vestígios do passado, ações dotadas de coerência interna, sendo que todas as dimensões do social são consideradas como passíveis de investigação histórica e dinamicidade. (THOMPSON, 1981).

Esta análise da História Social foi difundida pela Escola dos Annales. Após a Segunda Guerra Mundial, a História Social gradativamente aprimorou seus métodos de estudo das fontes, com ênfase nas ações humanas e análises de diferentes temporalidades (curta, média e longa duração) como nos fala Braudel (1988).

Marc Bloch nos exemplifica: “O historiador não apenas pensa ‘humano’. A atmosfera em que seu pensamento respira, naturalmente é a categoria da duração”. (2001, p. 55).

Estamos na linha de pesquisa definida como Territórios do Político a qual se encontra inserida no campo da História Social. A História Política, durante os anos de 1950, estendeu seu raio de atuação e incorporou outras fontes, abarcando outras dimensões políticas situadas além das grandes estruturas. Essas outras dimensões são os poderes não-institucionalizados, os “outros” lugares de poder, direcionando-se aos vários campos de ação dos movimentos sociais.

As grandes estruturas são agora vistas por outro prisma:

Trata-se da insurreição dos saberes não tanto contra os conteúdos, os métodos e os conceitos de uma ciência, mas de uma insurreição dos saberes antes de tudo contra os efeitos de poder centralizadores que estão ligados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa. (FOUCAULT, 1995, p. 171.)

Constitui-se, portanto, na busca de novos métodos, os quais propiciam o desvendamento dos discursos científicos que respondem por toda a organização institucional da sociedade, e

conseqüentemente definem o mundo de todas as pessoas que dela fazem parte.

Este “alargamento” teórico-metodológico das fronteiras do conhecimento no campo historiográfico propicia o estudo das concepções e sentidos dos atores sócio-históricos na construção do meio onde vivem. Nós vamos analisar neste trabalho, pelo viés do político, o movimento contracultural intitulado *Provos*, ocorrido na cidade de Amsterdan entre 1965-1967, por intermédio da análise de uma obra histórica – **Os Provos e o nascimento da contracultura**, escrita por Matteo Guarnaccia e publicada no Brasil em 2001.

Nosso recorte espaço/temporal situa-se na cidade de Amsterdan, capital da Holanda entre 1965 e 1967, período de circulação do jornal por eles publicado *Provocatie*.

O objetivo do estudo é o de buscarmos compreender historicamente como este movimento político contracultural se construiu de forma inédita, revolucionando a mentalidade de uma geração e das gerações sucessoras.

Além da obra de Matteo Guarnaccia, anteriormente explicitada, circunscrevemos as principais referências de análise neste assunto com as obras de: Theodore Rozsak “**A contracultura**” (1972) e, de Cornelius Castoriadis **Instituição Imaginária da Sociedade** (1982). Esta última se constituiu na nossa referência teórico-metodológica para que realizemos a análise pretendida, tendo em vista que nela se estrutura a idéia de inédito em história.

Utilizando as palavras de Castoriadis: “Porque o que se dá em e pela história não é seqüência determinada do determinado, mas a emergência da alteridade radical, criação imanente, novidade não trivial.” (1982, p. 220)

Desta forma, o autor se baseia na idéia de que a sociedade se auto-constitui de forma inédita, e se constrói por auto-alteração. Diz também que somente a partir da alteridade e criação é que podemos pensar o tempo, conseqüentemente a história. O desenvolvimento do pensamento deste autor será mais bem analisado no primeiro capítulo Pimenta nos olhos da História.

No segundo capítulo vamos abordar a constituição da sociedade industrial e como se desencadearam os movimentos contraculturais neste contexto. Nossas principais referências são Herbert Marcuse (1979) e Theodore Rozsak (1972).

O terceiro capítulo é destinado especificamente a uma descrição histórica dos *Provos*, amparados na obra de Guarnaccia (2001) já mencionada e tendo como especificidade o “Plano das Bicicletas Brancas”, constituído segundo o autor, numa forma nova de provocar a sociedade holandesa, articulando-os com o conceito de “inédito” de Castoriadis.

## 1 Pimenta nos olhos da História

Através da leitura de **A instituição imaginária da sociedade** de Castoriadis (1982), notamos que o que faz a sociedade ser esta e, não qualquer outra, é a relação entre seus sujeitos e seus objetos sociais, só o é desta forma porque ela assim se institui. A organização da sociedade se desdobra dentro dela mesma, e a cada vez que ela irrompe o faz de uma maneira nova. Da maneira como o social atingiu seu modo de ser, ele se construiu, ele é único e não existe outro igual. O meio pelo qual o social é e como ele é não tem análogo.

Toda sociedade existe instituindo o mundo como seu mundo, ou seu mundo como o mundo, e instituindo-se como parte deste. A instituição do tempo é componente essencial. Só existe tempo, na medida em que há emergência da alteridade radical, criação absoluta. É com o tempo da alteridade/alteração que devemos pensar a história. Só pode haver tempo se há emergência do novo, de figuras outras.

O Ocidente denega a criação, reduz a qualquer preço a história à repetição e representa esta repetição a partir de um alhures, físico, lógico ou ontológico. A mesma coisa já não é a mesma coisa pelo fato de que existe num outro tempo, e se for ao mesmo tempo estará em outro lugar.

Tempo da alteridade/alteração é o tempo da explosão, da emergência, da criação. O presente social-histórico se ilustra sempre que há irrupção da sociedade instituinte em instituída, auto-criação de uma outra sociedade instituída; mas todo tempo a sociedade muda, mesmo quando o presente só faz conservar-se, a sociedade se constitui alterando-se sem cessar, um exemplo constante disto é a linguagem, que sempre incorpora, mesmo que não oficialmente, ou apenas tardiamente, suas alterações.

O tempo precisa ser instituído para que o representar social aconteça, o tempo em que as pessoas desta sociedade se identifiquem, o tempo no e pelo qual esta representação existe. Tempo é indissociável do tempo do fazer social, das relações entre objetos e sujeitos sociais, no qual o fazer histórico seja possível. Tempo que as pessoas vivem. O tempo do fazer permite o aparecimento do acidente, do acontecimento, preserva ou controla a emergência da alteridade como possível, intrinsecamente.

A chamada sociedade instituinte se coloca fora do tempo por ter nascido de uma ruptura com o tempo, auto-alteração da sociedade. Depois de instituída coloca-se fora do tempo negando sua alteração, colocando-se como forma de identidade imutável. A denegação do tempo e da alteridade, que é auto-destruição incessante da criatividade da sociedade e dos homens, é instituição da sociedade como ela existiu até agora.

Os movimentos contraculturais questionavam a cultura oficial, instituída pela ideologia

dominante, sendo que seu discurso:

[...] é aquele que pretende coincidir com as coisas, anular a diferença entre o pensar, o dizer e o ser e, destarte, engendrar uma lógica da identificação que unifique pensamento, linguagem e realidade para, através dessa lógica, obter a identificação de todos os sujeitos sociais com uma imagem particularizada, isto é, a imagem da classe dominante. (CHAUÍ, 1982, p.3).

Esta lógica de identificação anula a criatividade, pretende eliminar a força criadora da sociedade instituinte, aquela que irrompe com a alteridade. A sociedade instituída surge da irrupção instituinte, que a partir de então institui o mundo como seu mundo, mantendo-se, ou tentando se manter estável, unificando os indivíduos no seu modo de ser.

Chauí ressalta que a ideologia, no caso, a capitalista da década de sessenta do século XX, procura esconder as transformações. Desta maneira encarna um tempo com sentido de progresso e desenvolvimento, exorcizando o risco de enfrentar a história (1982, p. 4).

Voltando às observações de Castoriadis notamos que a instituição da sociedade pela criação instituinte encontra-se sempre numa relação de recepção/alteração com o que já tinha sido instituído. Assim, a instituição da sociedade é um magma de novas significações que devem fazer sentido para a sociedade que está sendo criada. A maneira pela qual isso se dá provém do núcleo de significações imaginárias da sociedade. Mas algo lhe escapa, o enigma do mundo, uma provisão inesgotável de alteridade, a auto-alteração perpétua, que é intrínseca a toda a sociedade.

Enquanto instituinte ou instituída a sociedade é intrinsecamente história, ou seja, auto-alteração. Esta que é o próprio ser da sociedade manifestada pela rigidez/fixidez de formas-figuras, e que se dá pela explosão/criação de formas-figuras outras. Cada sociedade faz também seu modo de auto-alteração, sua temporalidade.

A auto-instituição da sociedade não se entende como tal e manifesta-se na representação extra-social, como Deus, a razão, a natureza, etc.

[...] A autotransformação da sociedade diz respeito ao fazer social – e, portanto, também político no sentido profundo do termo – dos homens na sociedade e nada mais. O fazer pensante e o pensar político - o pensar da sociedade como *se* fazendo- é um componente essencial disso. (CASTORIADIS, 1982, p.418)

As contestações que estudamos não se adaptavam a imagem que à sociedade instituída disseminava, procurando modificá-la de forma inédita, com uma irrupção nova, considerando que a sociedade instituída não pode prever o inédito para combatê-lo. Perceberemos como a sociedade instituída se apropria da instituinte para alterar sua força inédita e criadora.

Os jovens criaram uma consciência juvenil devido ao contexto que se inseriam, mudando o modo de pensar de uma época. Seus ecos não se desvincularam de nossa atual sociedade, foi a partir

dela que as minorias de todas as classes passaram a reivindicar os seus direitos, como os negros, as mulheres e os homossexuais. A partir de então, algumas atitudes não aceitas socialmente passaram a ser vistas como enquadradas.

O homem entendido como, sujeito social e político está em constante transformação, mudando o mundo e por ele sendo mudado. Através da análise da obra de Castoriadis notamos que a sociedade se constrói, e cada vez com uma nova irrupção, fazendo de forma inédita.

## 2- Contextualizando a revolta

Ao contextualizarmos o tema entendemos que, após a Segunda Guerra Mundial, o movimento de contracultura se desencadeou ao redor do mundo em diferentes países. Em um curto espaço de tempo, presenciaram-se movimentos de contracultura em países como a Holanda, principalmente em sua capital Amsterdan, analisada neste trabalho.

Nos Estados Unidos surgiu a geração *Beat*, grupo de jovens da década de 1950 que buscava um novo estilo de vida fugindo do “*American Way of Life*”, este que expressa os valores tradicionais e materialistas estadunidenses. Esta geração contracultural buscou viver em intensa boemia, sem se preocupar muito com enfrentamentos com a ordem sócio-política dominante, pretendiam apenas sair dela. Já na década de 1960, o movimento *Hippie*, criticava a sociedade instituída com um ideário de Paz e Amor, tentando transformá-la. No Brasil, o Tropicalismo, movimento cultural brasileiro dos anos de 1960, era ligado a protestos contra o regime militar que ocupava ditatorialmente o governo de nosso país.

Em nosso caso estamos falando sobre uma geração constituída principalmente por jovens nascidos logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, a chamada geração do *Baby boom*, que registrou um intenso crescimento demográfico nestes países. Neste contexto, podemos constatar a expressiva importância do choque de gerações.

Os pais desta geração confiavam no regime tecnocrático e não mantinham nenhuma iniciativa importante no campo da política conforme nos informa Rozsak, analisando brevemente alguns fatores desta passividade e conformismo:

[...] A lembrança da derrocada econômica da década de trinta; a perplexidade e o cansaço causados pela guerra; a patética, posto que compreensível busca de segurança e tranquilidade nos após-guerra; o deslumbramento com a nova prosperidade; um mero torpor defensivo face ao terror termonuclear e o prolongado estado de emergência internacional durante a década de quarenta e a década de cinqüenta; a perseguição aos comunistas; [...] E houve ainda a rapidez e ímpeto com que o totalitarismo tecnocrático irrompeu do período da guerra, a centralização premente do processo decisório e a reverência timorata do público pela ciência. A situação impôs-se com rapidez e vigor [...] (ROZSAK, 1972, p.34).

Desta forma, consideramos que a tecnocracia é um regime dos especialistas que se instala quando a sociedade industrial atinge o ápice de sua organização institucional, com seus ideais de modernização, atualização, racionalização e planejamento. Poderíamos denominá-la como a era da engenharia social, na qual a organização humana se assemelha a organização mecânica, com todas as esferas da vida, educação, lazer, cultura e inclusive as manifestações contra o regime que são manipuladas tecnicamente.

Pelas observações de Herbert Marcuse em **A Ideologia da Sociedade Industrial** notamos que a sociedade se organiza por escolhas entre alternativas históricas que ao operarem tornam-se hegemônicas.

Projeto este que molda a cultura material e intelectual.

Como um universo tecnológico, a sociedade industrial desenvolvida é um universo *político*, a fase mais atual da realização de um projeto histórico - a saber, a experiência, a transformação e a organização da natureza como o mero material de dominação. (1979, p. 19).

Neste universo, as necessidades políticas tornam-se necessidades individuais vindo a bloquear o livre desenvolvimento das necessidades humanas. A sociedade industrial desenvolvida amplia sua força pela Tecnologia e não pelo Terror; seu sistema de dominação trabalha no conceito e elaboração das técnicas industriais e sociais. O poder político se afirma pelo poder mecânico e técnico, sendo o trabalho a base potencial do homem mecanizado, seguindo ainda as observações de Marcuse.

Com isso busca-se anular a subjetividade e a magia da vida das pessoas, formando cidadãos mecânicos e substituíveis por máquinas.

As necessidades são “vendidas” aos indivíduos que acabam por se verem necessitados do que é oferecido. A doutrinação torna-se estilo de vida, o que o autor argumenta ser uma irracionalidade.

[...] A sociedade industrial que faz suas a tecnologia e a ciência é organizada para a dominação cada vez mais eficaz do homem e da natureza, para a utilização cada vez mais eficaz de seus recursos. Torna-se irracional quando o êxito desses esforços cria novas dimensões de realização humana. (MARCUSE, 1979, p. 36)

A perspectiva de contenção das transformações oferecidas pela racionalidade tecnológica depende do “Estado de Bem-Estar Social” inerente a todas as sociedades industriais na qual o aparato tecnológico encontra-se acima do indivíduo, dependendo do desenvolvimento e da expansão da produtividade. Este Estado pode transformar a vida administrada em segura e confortável, o que acarreta segundo o autor, a perda dos ideais de liberdade.

Os técnicos têm o aval da ciência, esta que é considerada indiscutível e encontra-se associada às grandes organizações que financiam suas pesquisas as quais acabam ditando para a sociedade padrões de vida. Rozsak chama essa maneira de agir da ciência de consciência objetiva.

A geração de indivíduos do pós-Segunda Guerra já não confiava nesta forma de organização social, além de estarem bastante aterrorizados com o fim da guerra e com a constante ameaça da corrida atômica, sendo a bomba um artefato da produção científica. Naquele momento, estava eminente uma possível destruição de toda humanidade pelo potencial devastador deste tipo de armamento. O imaginário da bomba atômica neste contexto foi bastante intenso, o cotidiano das

pessoas levava-as a crer que realmente poderia ocorrer uma guerra de proporções apocalípticas.

Os referidos jovens perceberam que a ciência, na ânsia de dominar e controlar a natureza, tinha passado dos limites, os jovens querendo “entrar em harmonia” com o meio ambiente rejeitaram a forma como a ciência a quantificava e manipulava.

De acordo com o autor Boaventura de Souza Santos que analisou o discurso científico sobre este processo:

A natureza é tão-somente extensão e movimento; é passiva, eterna e reversível, mecanismo cujos elementos se podem desmontar e depois relacionar sob a forma de leis; não tem qualquer outra qualidade ou dignidade que nos impeça de desvendar os seus mistérios desvendamento que não é contemplativo, mas antes activo, já que visa conhecer a natureza para a dominar e controlar. (SANTOS, 1987, p.13).

Na concepção tecnocrática e científica a natureza tem de se adaptar à vida humana em todos os seus âmbitos. Os jovens não aceitavam esta visão que se estendia também às áreas sociais, envolvendo e padronizando os indivíduos. Este regime sócio-político busca um padrão de normalidade criando um indivíduo mediano em escala mundial, é a era da sociedade de consumo na qual o mercado precisa de pessoas padronizadas para sua demanda.

Os meios de comunicação de massa exerceram bastante influência neste processo, por alcançar um maior número possível de pessoas com a técnica da reprodução. Os filmes, por exemplo, são produzidos para reprodução em larga escala, para que o maior número de pessoas possa assisti-lo. A forma perceptiva que o aparelho-câmera nos traz é diferente da enquadrada, e tais distorções influenciam no mundo individual.

Desse modo, os procedimentos da câmara correspondem aos procedimentos graças aos quais a percepção coletiva do público se apropria dos modos de percepção individual do psicótico ou sonhador. O cinema introduziu uma brecha na velha verdade de Heráclito segundo a qual o mundo dos homens acordados é comum, o dos que dormem é privado. (BENJAMIM, 1987, p. 190).

Este processo ocorre por intermédio de personagens que influenciam no sonho de pessoas no mundo todo, padronizando até a parte mais íntima e individual do ser humano, o seu inconsciente. Entendemos que esta situação se dá em todos os indivíduos que possam ter contato com o cinema, inclusive os jovens que estamos estudando.

Um outro fator que impulsionou a proeminência desta rebeldia é o fato de a própria sociedade estar se tornando mais jovem, pelo crescimento dos bebês nascidos no *Baby boom*, que agora são adolescentes. Há também o fato da “sociedade de consumo” se empenhar em criar uma consciência etária, vendo esses jovens como consumidores em potencial, ajudando a criar neles

consciência de sua geração, como percebemos na obra de Rozsak, “[...] Os adolescentes dispõem de um enorme volume de dinheiro e gozam de muito lazer; era inevitável, assim que passassem a constituir um mercado especial.” (1972, p. 38).

Devemos considerar também a expansão da educação superior sendo que era cada vez mais comum para os jovens de classe média ingressar na universidade e, isto auxiliou com que percebessem a sua potencialidade como grupo, pois os *campi* agregam muitos jovens em um mesmo espaço:

[...] Da mesma forma que as diabólicas usinas da fase inicial do industrialismo concentraram a mão-de-obra e ajudaram a criar a consciência de classe do proletariado, da mesma forma os campus universitários, que chega a congregar 30.000 estudantes, tem servido para cristalizar a identidade grupal dos jovens [...].” (ROZSAK, 1972, p. 39)

Esses jovens tinham tempo disponível para se dedicarem às questões sociais, pois a maioria deles se dedicava apenas aos estudos, os quais eram financiados por seus pais burgueses que investiam para que seus filhos conseguissem uma melhor posição no mercado de trabalho.

A educação universitária é controlada por esta mesma tecnocracia, enquadrando esses jovens num modo de educação também industrial, formando os profissionais do mercado de trabalho. Estes jovens, pela ação tecnocrática, se tornarão adultos nos mesmos moldes de seus pais, que trabalham para a efetivação deste regime. A tecnocracia forma seus profissionais. “As universidades produzem os cérebros que a tecnocracia precisa.” (ROZSAK, 1972, p.39).

A ciência, que permite aos homens compreender suas formas de subjugação, dá-lhes também as armas para sua libertação. Com as análises desenvolvidas nos estudos de Marx, Engels e Freud foi possível reivindicar uma sociedade revolucionada psíquica e socialmente.

A contínua revolução da produção, o abalo constante de todas as condições sociais, a incerteza e a agitação eternas distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Todas as relações fixas e cristalizadas, com seu séquito de crenças e opiniões tornadas veneradas pelo tempo, são dissolvidas, e as novas envelhecem antes mesmo de se cristalizarem. Tudo o que é sólido e estável se volatiliza, tudo o que é sagrado é profanado, e os homens são finalmente obrigados a encarar com sobriedade e sem ilusões sua posição na vida, suas relações recíprocas. (MARX E ENGELS, 2005, p.48).

E Freud ressalta em sua obra “O Mal-estar na civilização” que:

[...] Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo. Todos os tipos de diferentes fatores operarão a fim de dirigir sua escolha. É uma questão de quanta satisfação real ele pode esperar obter do mundo externo, de até onde é levado para tornar-se independente dele, e, finalmente, de quanta força sente à sua disposição para alterar o mundo, a fim de adaptá-lo a seus desejos. Nisso, sua constituição

psíquica desempenhará papel decisivo, independentemente das circunstâncias externas.(FREUD, 1978, p. 146)

A contracultura “inventa” um novo modo de vida, que rejeita a tecnicidade desta sociedade, considerando a possibilidade de uma imaginação visionária, de magia, que a ciência jamais permitirá, sem levar em conta que razão, progresso e ciência são também supersticiosos:

[...] com sua incessante insistência na especialização e na proficiência, a ciência e a tecnologia estavam destinadas a completar o ciclo e se transformar num sacerdócio tão fechado quanto qualquer outro da história. O xamã recorreria ao ritual comunitário para validar sua visão da realidade; os peritos científicos têm sido levados a buscar, cada vez mais, aprovação profissional de autoridades autoconstituídas que lhe validem o conhecimento cada vez mais esotérico. O público geral tem sido obrigado a se contentar em aceitar a decisão de peritos que sancionem as afirmações de cientistas e que legitimem os projetos dos técnicos. Tudo que se restava a ser feito para que tal profissionalismo autoritário se transformasse num novo regime de mágicos espúrios era que as elites políticas e econômicas comesçassem a açambarcar os peritos e usa-los para seu próprio fim. E foi assim que se consolidou a tecnocracia. Chegamos por fim a uma ordem social em que tudo, desde o espaço exterior até a saúde mental, desde a opinião pública até o comportamento sexual, é demarcado como o terreno da técnica. (ROZSAK, 1972, p. 263).

Os cidadãos comuns não entendem ao certo o que é a ciência, em seus detalhes e desvendamentos, mas confia nela plenamente, como um ideal religioso. São especialistas no que estão falando sendo consideradas as pessoas mais bem preparadas para saber os mínimos detalhes de determinado assunto. A confiança gera uma submissão, que influencia inclusive as relações privadas das pessoas.

Alguns dos jovens da década aqui analisada não se convenciam da concepção que a ciência traz. Percebemos que esses jovens com tendências anarquistas, preferem entrar em harmonia com a sua cidade, fazendo com que ela se torne agradável à vida comunitária de seus habitantes, como uma vida livre em uma comunidade alternativa.

Estas tendências são citadas por Rozsak, ao comentar os trabalhos de Paul Goodman, escritor e crítico social, que em uma de suas novelas, **Making Do**, faz um apelo à devolução do centro da cidade de Nova York às atividades de recreio e lazer com a proibição de automóveis particulares: “[...] Só os anarquistas é que são realmente conservadores, pois desejam conservar o sol e o espaço, a natureza animal, a comunidade primária, a inquisição experimentadora”. (GOODMAN apud ROZSAK, 1972, p.204).

Considerando que o movimento anarquista tem por princípio a abolição da propriedade privada particular, podemos considerar que os *Provos*, assunto de nossa pesquisa, tem influências deste movimento, pois, como veremos no capítulo seguinte, queriam que as bicicletas brancas fossem de propriedade comum.

A questão da função policial, para o anarquismo, se dedica à repressão de crimes que não são considerados como tais pela população, mas que ofendem apenas governantes e proprietários, os *Provos* também questionaram a esta função. Considerações estas retiradas da obra de Malatesta, intitulada **A Anarquia**. Não podemos dizer que eles eram efetivamente anarquistas, pois não se fechavam a uma ideologia, porém podemos constatar que esta corrente de pensamento influenciou bastante suas atitudes.

É um novo estilo de vida que une todas as instâncias do viver. Não se quer somente um tempo destinado ao lazer, como permitido pela tecnocracia, após longas horas de trabalho, a intenção desta juventude é viver bem e plenamente, já que não confiava neste sistema:

[...] o autoritarismo em nossa sociedade atua aberta ou indiretamente em todos os níveis da vida, desde a imagística das histórias em quadrinhos até a teologia cristã, desde a sala de aula da universidade até a alcova - e estava disposta a se descartar da cultura que confiava inteiramente nessa frágil coerção. (ROZSAK, 1972, p. 57).

Estes jovens não querem se enquadrar no modo proposto de vida, como seus pais o fizeram entregando-se ao funcionamento de um sistema que não prevê liberdade e diversão de forma a completar a satisfação da juventude, tentando se desvincular da cultura oficial e propondo um novo estilo de vida. Nota-se nestes jovens um grande descrédito pela sociedade instituída.

No capítulo que segue, analisaremos as ações ocorridas na cidade de Amsterdan, praticadas por alguns jovens que lá moravam.

### 3- Pedaladas contra o senso comum

#### 3.1 Descrição da fonte

Nosso objeto de estudo é intermediado pelo livro de Matteo Guarnaccia **Amsterdan e o nascimento da contracultura**, publicado pela Editora Conrad, na coleção chamada Baderna, no ano de 2001. Este livro é o único documento encontrado por nós sobre os *Provos*, em português.

A obra que disserta sobre os *Provos*, se divide em dez capítulos, além da introdução e da bibliografia, com 174 páginas. No primeiro capítulo faz uma breve contextualização do país que estes jovens estavam inseridos, a Holanda. Do segundo ao sétimo capítulos o autor aborda os personagens envolvidos e o desenvolvimento de suas manifestações, reivindicações, estratégias e repercussão dos acontecimentos.

O oitavo capítulo se destina a explicar a maneira que o país arrumou para voltar ao equilíbrio, através da histórica capacidade de adaptação e elasticidade mental. O nono capítulo comenta o principal resultado da revolta, que o autor diz ser o reconhecimento legalizado pelo governo holandês, do uso de drogas leves e a redução de danos do uso de drogas pesadas. A última informação datada pelo autor é a participação dos ativistas *Provos* na *Cannabis Cup* (o Oscar de melhor qualidade de maconha, como Guarnaccia mesmo a definiu) em 1990 e 1991, como júris ou entregadores do prêmio.

O último capítulo é um apêndice italiano, falando do contato entre os holandeses e os italianos, das mesmas estratégias utilizadas para a provocação das autoridades. As reivindicações italianas estavam principalmente voltadas contra a polícia e a guerra, em especial a Guerra do Vietnã.

Matteo Guarnaccia nasceu em 1954 em Milão, sendo considerado um dos mais significativos representantes da cultura psicodélica que emergiu na Itália nos anos de 1960 e 1970. É pintor, arte-diretor, escritor, ator e organizador de eventos. Conhecido como um dos principais peritos da cultura underground. Escreveu obras como: **Arte e psicodelismo nos contraculturais da Itália** (1988), **Beat e Mondo Beat** (1996), **Almanaque psicodélico** (1996), **Verão do Amor** (1997), **Psicodélico Paradiso**(1998), **Magical Mystery Book** (1998), **O italiano underground** (2000) e **Hippies** (2002). Escreveu sobre os *Provos* em 1997.

### 3.2 Os *Provos*

Devido às duas grandes guerras ocorridas principalmente em território europeu, a construção das organizações sociais acabaram por estabelecer uma criatividade do sujeito, propiciando-o a realizar ações contestatórias.

O movimento social que estudamos se intitula *Provos* e realizou as suas ações na cidade de Amsterdan, na Holanda, entre os anos de 1965 e 1967. Segundo as palavras de Matteo Guarnaccia, esta cidade no decorrer de sua história:

[...] foi refúgio para todos, desde os huguenotes<sup>1</sup> fugidos da França, passados pelas Dissidentes ingleses, até os judeus fugidos da Península Ibérica após a Reconquista [...]. Um vaivém de filósofos, artistas e cientistas fugidos de quase toda a Europa atulhou suas ruelas estreitas durante séculos. Amsterdan soube tirar proveito de toda contribuição exterior um motivo de crescimento e de orgulho. (2001, p.20).



Disponível em [www.culturatura.com.br](http://www.culturatura.com.br)-acessado em 27/08/2008.

A imagem acima mostra onde fica localizada a cidade de Amsterdan, capital da Holanda, nos Países Baixos, entre a Bélgica e a Alemanha, banhada pelo Mar do Norte.

Amsterdan no último século foi sede de importantes discussões, como o Congresso Internacional Anarquista em 1907 e um congresso mundial anti-fascismo/nazismo em 1932. Do ponto de vista cultural, a cidade foi um centro de troca entre movimentos artísticos da Grã-Bretanha, Europa Central e área franco-belga, todos com tendências a influir no social.

1 Protestantes franceses dos séculos XVI e XVII.

A própria estrutura da cidade tem formas místico-eróticas:

Aspecto reforçado pela presença, no solo úmido e bem irrigado, de um impressionante número de balizas para separar o fluxo de trânsito: de inconfundível forma fálica, elas acompanham todos os canais, como as agulhas de acupuntura acompanham o meridiano do corpo, quase querendo estimular a energia da cidade. Amsterdam é uma Yoni<sup>2</sup> cósmica, zelosamente moldada entre água e terra, e o branco obelisco surge justamente na praça Dam, é o Lingam<sup>3</sup>, símbolo que conjuntamente representam o poderoso aspecto gerador do casal divino Shiva/Parvati. Amsterdam é o Labirinto Encantado das Águas, uma cidade flutuante eleita como residência (“invadida”, é claro) da tríade sagrada: Jogo-Magia-Anarquia. (GUARNACCIA, 2001, p.23).



Disponível em [www.viagem.uol.com.br](http://www.viagem.uol.com.br) - acessado em 27/08/2008.

O mapa acima é uma espécie de planta da cidade, mostrando canais e ruas, sua estrutura é a Yoni, a qual o autor remete. Notável também a forma fálica do contorno de onde se localiza a praça Dam.

2 Base do Lingam, o genital feminino.

3 Símbolo fálico de Shiva (deus hindu).



Disponível em [www.mmlondon.tripod.com](http://www.mmlondon.tripod.com) – acessado em 17/11/2008

A imagem acima refere-se ao obelisco branco da Praça Dam, que o autor alude ao Lingam, símbolo fálico de Shiva, que junto com a Yoni fazendo a estrutura da cidade simbolizar o aspecto gerador do casal Shiva/Parvati (deuses hindus).

A arquitetura da cidade tem uma particular força criativa e erótica, o que propiciou as ações destes jovens, pois “[...] no mundo moderno, o instrumento de luta mais temível já não é a dinamite, mas a imaginação.” (GUARNACCIA, 2001, p.73).



Disponível em [www.raphaelk.co.uk](http://www.raphaelk.co.uk)- acessado em 27/08/2008.

Aqui podemos notar um canal mais de perto, ao fundo vemos bastantes bicicletas, utilizadas por grande parte da população. As bicicletas são atualmente atrações turísticas da cidade. Este assunto será melhor desenvolvido adiante.

A partir de situações criativas e inimaginadas, estes jovens puderam reivindicar concessões à sociedade onde estavam inseridos. Por serem tomados de surpresa, a sociedade instituída teve pouco a fazer imediatamente.

As ações destes jovens ocasionaram confronto físico com as autoridades policiais. Neste combate as autoridades agiram de forma violenta, porém com a insistência que os *Provos* tinham pela passividade e não-violência — eles se dispersavam dando risadas e não confrontavam os policiais fisicamente, deixando a sensação de deboche frente as autoridades — tiveram que mudar suas atitudes e acabaram por ceder concessões a essa juventude.

Essa revolta foi, talvez, o primeiro exemplo em que à juventude atuou no campo da política, sem algum motivo aparente, além, lógico, da própria ordem constituída, fazendo-a de forma inédita, propondo um modo de vida anti-autoritário e ecológico, insistindo em permanecer dentro da sociedade para provocar nela um curto-circuito. (GUARNACCIA, 2001).

A música “pop” pouco influenciou os *Provos*, ao contrário de alguns movimentos que ocorreram em outros lugares do mundo como nos Estados Unidos, com Bob Dylan ou, na Inglaterra com os Rolling Stones, por exemplo.

Porém, expressões artísticas tiveram bastante influência, principalmente na forma de *happenings*, forma de expressão que nasceu oficialmente em 1959 em Nova York.

Allan Kaprow, considerado como a pessoa que os iniciou, diz que:

O espaço das exposições já não me satisfazia. Pensei que seria muito mais interessante se eu conseguisse sair da galeria e fazer flutuar o ambiente que havia criado na vida de todos os dias, de modo a eliminar todo tipo de divisão [...] O evento tem de terminar antes que o hábito se estabeleça. O artista que realiza um happening vive o mais puro dos melodramas. Sua obra é uma perfeita representação do Não-Sucesso, porque os happenings não podem ser vendidos ou levados pra casa, só podem ser estimulados. Além disso, por causa de sua natureza flutuante, apenas poucas pessoas podem segui-los. Permanecem um evento isolado e orgulhoso. Quem os cria é um verdadeiro aventureiro, porque boa parte daquilo que faz é absolutamente imprevisível. Quem os cria é um verdadeiro embusteiro. (KAPROW apud GUARNACCIA, 2001, p.30)

Esta forma artística traz consigo a arte no cotidiano das pessoas, não permitindo um tempo para apreciação de uma obra, mas que ela faça com que, quem a presencie, tenha que vivê-la e dela participar.

Uma das principais características da contracultura é uma comunicação aberta e de profundo contato inter-pessoal, as pessoas que dela participam vivem-na intensamente. (GOFFMAN & JOY, 2007, p.56). O *happening* é um acontecimento, nasce entre atividades orquestradas para entreter os espectadores e sua reação, como o próprio Kaprow o explica.

Com essas características não fica difícil de cogitar porque a sociedade tecnocrata não os entendia, já que o *happening* não é um produto para venda e busca conciliar a arte com a vida cotidiana, fazendo com que a pessoa viva intensamente e imediatamente, obrigando os homens a abandonar qualquer rotina. Amsterdam terá seu primeiro *happening* em 1962, poucos anos antes das atitudes dos *Provos*, sendo que o início do movimento se deu em 1965, com a publicação do primeiro número de seu jornal, o *Provocatie*. Porém muitos dos *Provos* já estavam envolvidos nestas atividades.

E o que fazer quando os automóveis ocupam espaço demais? A solução que nossos jovens encontraram foi o uso das bicicletas, idealizadas no plano de Luud Schimmelpenninck, um dos subversores, sendo esta uma crítica anti-automobilística, contra a “auto-ridade”, e lançado no *Provokatie n° 5* :

Diz o manifesto:

Cidadãos de Amsterdam!

Basta com o asfáltico terror da classe média motorizada! Todo dia, as massas oferecem novas vítimas em sacrifício ao último padrão a quem se desdobram: a auto-ridade. O sufocante monóxido de carbono é seu incenso. A visão de milhares de automóveis infecta ruas e canais. O plano Provo das bicicletas brancas nos libertará deste monstro. Provo lança a bicicleta branca de propriedade comum. A primeira bicicleta será apresentada ao público quarta-feira, 28 de julho, às três da tarde no Lieverdje, o monumento ao consumismo que nos torna escravos. A bicicleta branca está sempre aberta. A bicicleta branca é o primeiro meio de transporte coletivo gratuito. A bicicleta branca é uma provocação contra a propriedade privada capitalista, porque a bicicleta branca é anarquista! A bicicleta branca está a disposição de quem quer que dela necessite. Uma vez utilizada, nós a

deixamos para o usuário seguinte. As bicicletas brancas aumentarão de número até que haja bicicletas suficientes para todos, e o transporte branco fará desaparecer a ameaça automobilística. A bicicleta branca simboliza simplicidade e higiene diante da cafone e da sujeira do automóvel. Uma bicicleta não é nada, mas já é alguma coisa. (GUARNACCIA, 2001, p. 77).

Os jovens queriam devolver o centro “mágico” de Amsterdam para seus habitantes, tornando o ambiente agradável e menos ameaçador para os transeuntes. Hoje essa atitude poderia ser considerada ecologicamente correta, mas naquela época era apenas uma esquisitice. Goffman e Joy em sua obra **A Contracultura através dos tempos** dizem que um dos princípios da contracultura é que ela “desafia o autoritarismo de forma óbvia, mas também sutilmente” (2007, p.50).

Aqui os jovens questionavam a “auto-ridade”, a supremacia do automóvel em relação aos indivíduos, a quantidade de acidentes de trânsito e vítimas que estes causavam, a poluição e a sujeira que este traz junto consigo, o chamavam de “peidorrenta caixa de ferro”, reivindicavam o direito de andar pela cidade sem serem ameaçados por motoristas. Granier, autora de “Abaixo o carro... Viva a bicicleta”, um artigo incluído no livro **Apocalipse motorizado: A tirania de Automóvel em um planeta poluído**, de organização de Ned Ludd, publicado no Brasil em 2004, destaca que:

[...]o carro é um instrumento de poder e destruição. Ele é inimigo dos seres humanos: não somente porque eles os mata (pedestres, imprudentes, transeuntes distraídos, vítimas de assassinatos comuns, os motoristas), mas também porque eles os deforma, os desfigura, os nega- uma pessoa ao volante não é mais um ser humano.(2004, p.119)

A autora do artigo não fazia parte deste movimento social, mas o mesmo nos serve para explicitar o que estes jovens também pensavam. Para eles os motoristas de automóveis eram “psicopatas agressivos, trancafiados numa peidorrenta caixa de ferro” (GUARNACCIA, 2001, p.75).

Questionaram também o excesso de espaço que os estacionamentos ocupavam, os quais poderiam ser usados para outros fins, destinados à vivência dos moradores da cidade, como teatros e galerias, por exemplo. E queriam também se darem ao direito (e ao prazer) de não seguirem os modelos de consumo, de não se renderem a mais esta autoridade.

Para compreender o alvo destes jovens, a representação do automóvel na sociedade capitalista, nos baseamos no livro **Apocalipse Motorizado: A tirania do automóvel em um planeta poluído** (LUDD, 2004), principalmente em vários artigos: de André Gorz: “A ideologia Social do Automóvel”, (p.73-82), e no artigo: “A Importância do Carro para a Economia Moderna” retirado de *Aufheben* #3, (p. 83-102), uma publicação autonomista inglesa, na qual não consta o

nome do autor, e no artigo de Caroline Granier “Abaixo o carro... Viva a bicicleta” (p.119-121), este já citado anteriormente.

A idéia de prazer e benefício que o automóvel traz sobressai ao transporte coletivo. Apresenta também a idéia de locomoção rápida e mais confortável. Quando criado, o carro tinha por principal destinação e utilidade o aumento da velocidade de transporte; com a sua massificação, impulsionada pelo fordismo na década de 1920, aumenta o fluxo no trânsito, conseqüentemente mais barulho, mais poluição, mais acidentes; situação que estes jovens estavam questionando nesta cidade. O centro da cidade deveria estar voltado para seus moradores, como um espaço de convivência, não para os automóveis.

O carro se mostra como um meio de alcançar a liberdade, pela possibilidade de locomoção rápida que este traz consigo, mas com o aumento de seus exemplares pelas ruas o trânsito precisa se reorganizar para que todos “caibam”. Com a possibilidade de se locomover para lugares distantes, as cidades crescem, as distâncias aumentam e atividades necessárias como fazer compras se tornam muito difíceis sem o acesso a um carro (LUDD, 2004, p.93).

A aparência de liberdade que o carro traz se transforma em necessidade. Os *Provos* queriam se ver livres desta necessidade. Ludd ressalta que: “Por delinear-nos como cidadãos consumidores, a liberdade do carro, como todas as liberdades burguesas, nos jogam em uma guerra de todos contra todos, em que os outros motoristas aparecem meramente como obstáculos e limitações ao nosso próprio direito inalienável de movimento.” (2004, p.93)

Uma liberdade que gera necessidade, e como argumentou Marcuse, comentado por nós no segundo capítulo, gera submissão. Trata-se de um meio de transporte quase que individual, trancando o motorista em uma bolha, e que cada vez mais pessoas estavam aderindo. Em um contexto que o mais “comum” era adquirir um automóvel e desfrutar de suas “vantagens”, esses jovens queriam ao menos diminuir sua quantidade nas ruas.

A circulação de automóveis e o funcionamento de suas indústrias são de suma importância para a economia moderna, estão envolvidos todos os aparatos que um automóvel necessita como fios elétricos, aço, combustível, manutenção de ruas e estradas, concessionárias de vendas, entre muitas outras. Os *Provos* estavam competindo com um fortíssimo adversário.

Os acidentes de trânsito são despolitizados na sociedade moderna, mas por se tratarem de conseqüências de um modo específico de vida, estão aptos à serem contestados. Considerando que a sociedade se constrói, ela pode mudar suas expectativas e seu modo de ser.

Os *Provos* enviaram um Plano também à Prefeitura da cidade, onde argumentavam que:

Apesar de termos o burgomestre que Deus nos deu, milhares de funcionários científicos, mais capital, mais “Bem Comum” e mais “Democracia” do que nunca, temos que constatar que:

-Toneladas de gases venenosos são produzidos e difundidos no espaço vital de quase um milhão de habitantes.  
 -Ruas e calçadas desaparecem sob as “caixas de ostentação de status”  
 -Centenas de mortos e milhares de feridos são sacrificados ao desleixo de uma minoria de motoristas  
 -A cidade teve e continua a ter prejuízos irreparáveis  
 É, portanto, absolutamente necessário que o centro de Amsterdam seja fechado ao tráfego de veículos[...] Os motoristas deverão deixar o próprio carro em casa e ir à cidade de trem, ou estacionar em espaços especialmente construído nos limites da cidade, tomando em seguida um meio de transporte público. [...] O AUTOMÓVEL é um meio de transporte que só se pode admitir em zonas escassamente habitadas. Os automóveis são meios de transporte perigosos e totalmente inapropriados para a cidade. [...] Não há mais tempo para políticas titubeantes e velhos expedientes. Aquilo de que necessitamos NESTE MOMENTO é uma solução radical: NÃO AO TRÂNSITO MOTORIZADO SIM ÀS BICICLETAS BRANCAS” (apud GUARNACCIA, 2001, p. 77-78).



Disponível em [www.revistaogrito.com](http://www.revistaogrito.com)- acessado em 22/11/2008.

Esta imagem, que é também a capa do livro de Guarnaccia, mostra os *Provos* erguendo, como em um ritual, uma bicicleta branca.

Aqui notamos que os jovens estavam tentando mudar a situação instituída pela classe média motorizada, agora oficialmente, falando direto com a prefeitura, tendo em vista que o automóvel transforma a cidade em caos, aumenta sua poluição, causa muitos acidentes. Os *Provos* viam desvantagens no uso deste tipo de transporte, assim a bicicleta seria muito mais higiênica, saudável e lúdica.

A resposta da polícia? Pelas palavras de Guarnaccia:

[...] confiscam cerca de cinquenta bicicletas pela cidade, com a desculpa de que, não estando trancadas com cadeados, sua presença representa um estímulo ao furto.

Na prática, é a polícia que as rouba, já que não irá devolvê-las aos legítimos proprietários que reivindicarão sua devolução: numa sociedade em que vigora a propriedade privada, o que é oferecido gratuitamente se torna ilegal e anti-social. (GUARNACCIA, 2001, p.87)

No nono número do *Provocatie*, os jovens publicaram um artigo escrito por Constant que dizia: “O ambiente social das cidades é ameaçado pela caótica explosão de trânsito, que, em si, nada mais é do que ridiculamente levar às últimas conseqüências o direito de propriedade.” (apud GUARNACCIA, 2001, p. 81). Neste artigo Constant propõe uma cidade ideal onde a tecnologia estaria a serviço das pessoas.

Entendemos como uma atitude inédita essas manifestações. Visto que a sociedade se constrói, que existe a possibilidade de mudança, que a História se faz a partir de tais mudanças, esses jovens estavam tentando construir, como as armas que tinham em mãos, uma sociedade que eles entendiam como melhor, mais tranqüila e menos autoritária.

Executaram também outras manifestações inesperadas como bombardear a carruagem da princesa holandesa, Beatriz em pleno dia de seu casamento, 10 de março de 1966, como analisou Guarnaccia no sexto capítulo de sua obra (GUARNACCIA, 2001, p. 99-144). Atitude que se desencadeou como um marcante *happening*.

O fato de seu noivo ter servido nos exércitos nazistas não agradou em nada aos jovens, e nem à sociedade holandesa. Os *Provos*, com Bernhard De Vries, tentaram explicitar seu descontentamento, convencendo um estudante muito bom em química, Harmen de Bont, a preparar bombas de efeito moral. O estudante primeiramente aceita, depois, apavorado, apenas entrega os ingredientes e, os jovens *Provos* as preparam.

Com três moedores de café misturam cloreto de potássio, ácido sulfúrico, nitrito e açúcar em pó, a serem enrolados em papéis alumínio, fazendo bombas que serão jogadas na passagem da carruagem real, onde estariam os noivos. Estas bombas não são muito eficazes do ponto de vista bélico, mas fazem bastante fumaça...

“Deixa a estratégia à imaginação do provotariado” (GUARNACCIA, 2001, p.104).

Podemos constatar nesta atitude uma criação inédita, pois essas bombas lançadas não serviram para machucar, apenas para causar tumulto e manifestar a indignação com esta atitude real, mas acabaram por chamar a atenção do mundo para o que estava acontecendo nos Países Baixos. O problema não era impedir a felicidade dos noivos, ou o suposto amor existente entre eles, a questão não era pessoal, o que queriam era manifestar contrariedade pela escolha da princesa, futura rainha, em se casar com um cidadão que tinha ligações com o nazismo. Este casamento influenciava diretamente a vida da população, que historicamente tinha se posicionado contra esse regime.

A imprensa do mundo todo fez a cobertura do casamento da princesa em Amsterdan e os

jornalistas que lá estavam tiveram a oportunidade de presenciar o fato e suas “conseqüências”. Desde a véspera a polícia estava particularmente nervosa, distribuindo golpes de cassetete aos transeuntes para organizarem seu treinamento de segurança.

O *happening* do dia do casamento foi colossal, assim que a carruagem se pôs a andar o caos se instala. Pessoas gritando “República, República”, a fumaça fazendo neblina ao redor da carruagem e a polícia montada correndo atrás dos manifestantes, amarrando-os e chutando-os com suas botas com esporas. Nessa ocasião até quem não tinha nada a ver com as manifestações acabaram por sentir a fúria policial. A mídia do mundo todo registrou estes fatos e com unanimidade simpatizou-se com o protesto desses jovens mostrando-se crítica ao excesso de violência da polícia. A imagem da carruagem envolta em neblinas circulou por todo o mundo.

Esses jovens imaginaram uma sociedade que deveria ser construída, onde a polícia deveria se voltar ao bem-estar da população e deixar seus objetivos repressivos para que a cidade se torne melhor para os que lá habitam. Criaram um plano branco para os policiais também, seguindo o estilo do plano das bicicletas, onde estes se destinavam a cuidar apenas do bem estar da população, já que o centro da cidade estaria desimpedido dos carros particulares.

“Deixem de se preocupar em carregar fósforos nos bolsos. Peçam para um policial, seja lá o que for que vocês quiserem acender [...] Suas tarefas serão as de sempre carregarem consigo fósforos, coxas de galinha, contraceptivos, maçãs e laranjas, mas, sobretudo, os policiais terão de levar as bicicletas quebradas ao conserto” (GUARNACCIA, 2001, p.113).

Porém uma agência de turismo e o próprio órgão estatal para o turismo se aproveitaram do sucesso desses jovens, realizando passeios turísticos pelos lugares de suas ações e produzindo falsos *happenings* de confrontos com a polícia, onde o turista pode participar ou, tirar um retrato mediante pagamento de ingresso. Os jovens *Provos* perceberam que estavam perdendo sua melhor arma: a originalidade, correndo o risco de tornarem-se caricaturas de si mesmos, então resolveram dissolver o movimento.

Aqui temos uma expressão de como a sociedade instituída se apropria da força instituinte, tirando dela sua irrupção criativa e original, absorvendo-a, tentando anular sua capacidade transformadora. Os jovens dissiparam-se para não se tornarem instituição oficial.

Em 17 de março de 1967 foi publicado o décimo quinto e último jornal *Provocatie*, pois estando estes jovens:

[...] cansados de bancar a entidade oficial da provocação”, dissolvem-se. Desse modo estabelecem o novo modelo de ação que sempre será repetido pelos grupos contraculturais: o da ‘morte e transfiguração’. Desaparecer para não se tornar previsível e depois reaparecer em outro canto, sob outra forma. Os hippies de São Francisco os imitaram em outubro, celebrando o próprio funeral, após terem percebido que se tornaram ‘os adorados filhos da mídia’. (GUARNACCIA, 2001, p.151).

Dissolve-se, portanto, o movimento dos *Provos*, porém não sem maiores conseqüências para esta sociedade. A Holanda mostrou-se com uma grande capacidade de adaptação e elasticidade mental, e busca um acordo pelo equilíbrio. O país não será mais o mesmo depois dos *Provos*, considerando a importância que a sociedade teve ao integrar bem as idéias da cultura alternativa no dia-a-dia, sem os *Provos* ela não teria se tornado o que é hoje:

[...] trinta anos depois já não podemos falar em experimento, nem em fingimentos. Se o país não tivesse metabolizado perfeitamente as idéias da cultura alternativa, tornando-as próprias, não teria conseguido sustentar aquele tremendo esforço, necessário para conter a pressão de milhões de chapados meio-período e período integral, para conseguir administrar situações sociais nem um pouco simples. Apesar da suposta “normalização”, Amsterdam não perdeu a própria combatividade, e demonstrou isso em diversas ocasiões (seus *squatters*<sup>1</sup>, lutas contra especulação imobiliária no velho bairro Nieuwmarkt, as manifestações por ocasião da visita do papa e da coroação da rainha Beatriz, etc., etc.). (GUARNACCIA, 2001, p.157).

Amsterdam é uma cidade que permite e compreende algumas atitudes e comportamentos considerados transgressões em outras localidades. A cultura alternativa construiu um lugar nesta cidade, como notamos na obra deste autor, encontrando um ponto de equilíbrio.

Alguns países do mundo não aprovam as atitudes desta sociedade. No Editorial do *London Sunday Telegraph* de 17 de julho de 1991 saiu a seguinte opinião:

A sociedade holandesa nunca se recuperou das loucuras hippies, do flower power e das viagens para fora da realidade provocadas pela droga. Enquanto todas as outras sociedades ocidentais foram trazidas de volta à Terra, a sociedade holandesa ficou nas nuvens. O culto à irracionalidade não se limita a setores marginais, mas infecta cada aspecto da vida [...] A Holanda que outrora era um dos países mais respeitáveis, hoje assumiu um papel de liderança na permissividade[...]" (GUARNACCIA, 2001, p.158)

O autor ressalta que um dos resultados mais evidentes “é o reconhecimento, não jurídico, mas factual, do uso de drogas leves e a política de contenção e 'redução de danos' de drogas pesadas” (GUARNACCIA, 2001, p.159). O interesse destes jovens por algumas substâncias que alteravam o estado de consciência se mostrou claro desde o início. E entendiam do assunto, pois alguns deles tornaram-se juízes da *Cannabis Cup*, como já falado anteriormente. Mas, e quanto às bicicletas?

Hoje as bicicletas são atrações turísticas nesta cidade, os carros não deixaram de circular, no entanto as bicicletas e os ciclistas são bem respeitados. Grande parte da população utiliza este meio de transporte, existem 750 mil bicicletas em Amsterdam, cerca de 91% dos residências têm pelo

---

1 Jovens que invadem casas desocupadas para morar.

menos uma bicicleta (disponível em [www.ajanelalaranja.com](http://www.ajanelalaranja.com)- acessado em 22/11/2008). Há mais de 10 (dez) mil quilômetros de ciclovias na Holanda (disponível em [www.voudemochila.com.br](http://www.voudemochila.com.br)- acessado em 22/11/2008). As bicicletas são atualmente extremamente representativas desta cidade como de todo o país.

## CONCLUSÃO

Neste trabalho tentamos mostrar os *Provos* como um movimento contracultural inédito e altamente criativo. Esperamos ter conseguido demonstrar a magia que encontramos nestes jovens durante nossos estudos.

Entendemos que a própria cidade, pelas suas escolhas históricas, como aqui tentamos demonstrar, propiciou a possibilidade desta emergência que foram os *Provos*. A cidade, psíquica e geograficamente permitiu essas reivindicações, tanto para a aceitação de situações não convencionais, como o uso de drogas, que o autor ressalta ser o principal resultado desta revolta, como também a facilidade de transporte através de bicicletas.

A situação assim se desenrolou porque a sociedade holandesa é esta, especificamente, e não outra qualquer. Ela se fez e se faz de sua maneira, entre alternativas históricas. Desta forma, tal situação se deu de forma inédita, não por ser melhor ou mais especial que outras, mas porque a maneira que a sociedade é e se faz não tem análogo.

E o inédito é imprevisível, e não punível, pelo menos em primeira instância, situação demonstrada na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, base de todas as Constituições do mundo ocidental que em seu sétimo artigo diz que “Ninguém pode ser acusado, preso ou detido senão nos casos determinados pela Lei e de acordo com as formas prescritas [...]” (disponível em [www.pfdc.pgr.mpf.gov.br](http://www.pfdc.pgr.mpf.gov.br)- acessado em 22/11/2008).

O que a instituição pode fazer é executar leis para regular determinada questão, proibindo-a ou não. Como notamos, no caso de Amsterdan, as autoridades procuraram o equilíbrio, permitindo atitudes que em outros lugares não eram aceitas e até merecedoras de prisão. Porém o mais marcante nesta sociedade não foram os resultados em termos legais.

O mais marcante é a aceitação factual da cultura alternativa no dia-a-dia, a capacidade de adaptação e de elasticidade mental desta cidade, que encontra o equilíbrio, aceitando a diferente opção de vida que algumas pessoas escolheram dentro desta sociedade. Mais uma vez citando Guarnaccia “Um país que vive em perene harmonia turbulenta, como um surfista esperto, conseguiu encontrar o ponto de equilíbrio na perturbação” (2001, p.157).

Sabemos que a normalização é também uma forma de controle social, o estilo alternativo é adaptado e vendido para os diferentes segmentos da população, mas não podemos deixar de constatar que é uma forma criativa de resolver os próprios problemas. As autoridades se adaptaram a um segmento da população, ao invés de tentar eliminá-lo. Uma cidade que historicamente aceitou o diferente e ainda o aceita, que possui uma mentalidade elástica, e deu espaço para uma cultura alternativa.

**BIBLIOGRAFIA.**

ALMEIDA, Jozimar Paes de. O Altar da História: o sacrifício da criatividade humana e a noção de progresso linear e natural na história. In: DeNipoti, Cláudio & JOANILHO, André L. (Orgs.) **Leituras em História**, Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2003, pp.27-40.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

BRAUDEL, Fernand. **O espaço e a história no Mediterrâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BLOCH, Marc. **A Apologia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2001.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales, 1929-1989: a Revolução Francesa na historiografia**. São Paulo: Edusp, 1991.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDODO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. São Paulo. Ed. Moderna, 1982.

CHESNEAUX, Jean. **Modernidade – mundo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHOMSKY, Noam. **Para entender o poder**. São Paulo: Ed. Bertrand Brasil, 1995.

\_\_\_\_\_. **Novas e Velhas Ordens Mundiais**. São Paulo. Ed. Scitta, 1996.

DOSSE, François. **A História em Migalhas**. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: Ed. Ensaio, 1992.

ENGELS, Friederich & MARX, Karl. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

FLEATHESTONE, M. **O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade**. São Paulo: Studio Nobel/sesc.

FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

FREUD, Sigmund. **O Mal-estar da civilização**. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

GOFFMAN, Ken; JOY, Dan. **Contracultura através dos tempos: do mito de Prometeu a cultura digital**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

GUARNACCIA, Matteo. **Provos, Amsterdan e o nascimento da contracultura**. São Paulo:

Conrad Editora do Brasil, 2001.

HOBBSAWM, Eric **A era dos extremos – O Breve século XX 1914-1991**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre a História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KURTZ, Robert. **O colapso da modernização**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

LUDD, Ned (org.). **Apocalipse motorizado: A tirania do automóvel em um planeta poluído**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

MALATESTA. **A Anarquia**. São Paulo: Imaginário, 2001.

MARCUSE, Herbert. **Ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MORIN, Edgard. **Cultura da massa no século XX: o espírito do tempo**. Rio de Janeiro. Ed. Forense-Universitária, 1987.

ROZSAK, Theodore. **A Contracultura**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1969.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1987.

THOMPSON, E. P. Intervalo: A lógica histórica. In: **A miséria da teoria ou um planetário de erros (uma crítica ao pensamento de Althusser)**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981, p.47-62.